# O SUBÚRBIO DAS MERCENÁRIAS E A FERRAMENTA MÚSICA

KHADIJA ALVES IZIDORO

**Resumo:**

O artigo propõe uma análise sobre as composições, da banda feminina as Mercenárias, que possibilita a reflexão do contexto político/social e cultural de um período delicado pós-Ditadura Militar. O contexto histórico remete ao período de 1982 a 1988, abordando o processo de redemocratização na política do país, em que a sociedade retornava manifestar-se civicamente. Dentro desse contexto, o movimento será iniciado por jovens suburbanos que vão se identificar com as expectativas punks do "faça você mesmo", criando assim um movimento cultural de classe trabalhadora, que possibilitava uma maior independência e liberdade de expressão, sendo esses artifícios que servia como "válvula de escape" e que influenciou jovens de todas as camadas sociais, como as jovens da classe média, as Mercenárias.

**Palavras-Chave:** Jovem; Cultura; Redemocratização; Movimento-Punk; Mercenárias.

## INTRODUÇÃO

O mercado fonográfico nesse momento estava em total efervescência com o surgimento de bandas novas no cenário musical nacional, mesmo com as quedas nas vendagens de discos, e apesar da grave crise econômica do país, era impulsionado pelo avanço da indústria cultural - que também estava a todo vapor com as novas tecnologias. O LP tornou-se um produto massificado, de fácil consumo já na década de 70, impulsionado pelo o investimento na área das telecomunicações nesse mesmo período. A indústria fonográfica integrando-se em um mercado com as telecomunicações ditavam as tendências, e era a televisão que, sobre tudo, conseguia agregar a música, imagem e expressionismo tornando-os "palpáveis" contando com a facilidade de acesso e baixo custo e alcance de longas distâncias, criando-se a indústria cultural que acabava por ditar o que seria consumido.

Registrar o trabalho da banda era tão importante quanto lançar e produzir fanzines com as letras das músicas. Era de total importância que as pessoas soubessem o que elas estavam cantando, mas diferentemente dos "zines" que não dependiam de grandes estruturas, um disco exige um investimento, e isso fez com que a banda aguardasse quatro anos para a gravação do seu primeiro LP Cadê as Armas?. E mesmo saindo de forma independente encontrou bastante dificuldade para chegar ao mercado.

Eu fazia os folhetos, a gente sempre punha três ou quatro letras e os patrocinadores. Eu achava, absolutamente, importante as pessoas saberem o que a gente tava cantando, porque não dava para garantir que o microfone ia conseguir dar conta do recado. É...Tinha que ser uma coisa sabe? Audível. Então, eu fui atrás disso, de sempre ter a distribuição de um folheto com as letras e, era até engraçado, porque nesse primeiro folheto eu fiz meio um polícia, fiz um quadrinho mesmo e desenhei: "a polícia vem, a polícia vai", então tem um fusquinha indo e voltando de policial, é um comics. (COUTINHO,2010)

Nos meados dos anos 70 surgiu um segmento no país, que juntamente com movimento punk, influenciaram as gerações posteriores no ramo musical. Era o surgimento da produção independente, que não centrava apenas em tocar e divulgar o trabalho, mas numa maneira de ser o agente do seu próprio trabalho. Conhecido como Vanguarda Paulista, de músicos que assumiram esse novo tipo de produção independente, por procurarem espaço de divulgação, porém não se encaixavam nos planos – convencional - das grandes gravadoras para serem lançados no mercado fonográfico. Segundo LOPES as majors só investiam “em fórmulas testadas e consagradas” (2005, p. 139) angariados pelo surgimento da estratégia “artista de marketing” (2005, p. 139), que visava seus investimentos em músicos que passaram a ser contratos como um determinado modelo de produto, passando por uma padronização estipulada pelo setor de marketing das gravadoras, na pretensão da maximização dos lucros sem correr o risco de perdas nos investimentos.

O que possibilitou a efervescência alternativa no setor musical, propriamente de São Paulo, tomou-se forma com a ajuda do continuo avanço

“das tecnologias de gravação musical [que] reduziam o tamanho e os custos dos equipamentos, ficando mais fácil e barato montar  um estúdio de boa qualidade”(LOPES, 2005, p.139) e também, por causa, do setor econômico não só brasileiro, que vivia a cada dia um aumento inflacionário, mas a recessão na economia mundial. No setor musical seus desdobramentos na indústria fonográfica, após seu auge com recordes de vendas na década anterior, começou a sentir nos anos 80 uma queda crescente nas vendagens dos discos. Foram dessas circunstâncias que abriram as oportunidades para o surgimento dessa nova safra de músicos que resolveram investir em equipamentos para produzir e gravar seu próprio som.

O depoimento da Sandra Coutinho, baixista das Mercenárias, apresenta o contexto sobre esse momento e como esses músicos conseguiram se articular no meio alternativo da música, até conseguirem um contrato com as grandes gravadoras:

Os punks conseguiam gravar, porque eles tinham o mercado internacional, por isso...O Hedson [da banda Cólera] tinha produtora [...]. Eles faziam... E o apoio deles é que o movimento punk com essa história de fanzine, de ligação internacional e aqui também, então dava para fazer esse tipo de coisa, de ser mesmo independente. Agora nós, que estávamos no intermediário, a gente não tinha o apoio, não era o movimento punk, não era punk. Então não tinha essa bifurcação, então a gente ficou nesse impasse, que foi três anos. E eu já tava... Mercenárias já tinha material para fazer dois discos logo de cara, muita coisa foi deixada de lado. Imagina meu estado? Eu não agüentava mais... Queria mudar fazer coisas, mas também tinha que registrar, e foi aí que apareceu a Baratos Afins...(COUTINHO,2010)

Após quatro anos de formação e com a notoriedade dentro da cena musical, apoiadas por muitas bandas que já tinham lançado seus trabalhos por grandes gravadoras, a banda encontrou dificuldades para conseguir a gravação do primeiro LP (Cadê as Armas? 1986) que saiu de forma independente. Com o esgotamento dessa cena, já haviam tocado em todas as casas

de shows de São Paulo e do Grande ABC, até mesmo de terem recebido convites para tocar no Belém do Pará. As garotas das Mercenárias já estavam desgostosas, não acreditando numa possibilidade de ascensão, todavia sentiam que era necessário registrarem o material. Até que no ano de 1986 receberam o convite do selo independente Barato Afins, de Luiz Calanca, para fazer seu primeiro compacto.

Foi quando apareceu a Baratos Afins, que foi super difícil com ele, porque o Luis Calanca é um pioneiro, eu reconheço e sem ele muita coisa não teria acontecido, um cara difícil de lidar. Tanto é, que eu acho que consegui um patrocinador, fiz um acordo com Mad Rats, algumas coisas assim [...] de colocar a propaganda deles nos primeiros encartes, nas 500 cópias para eles darem uma grana para a gente fazer o show de lançamento do Cd. Porque a gente fez tudo ao vivo, o Edgard refez algumas [guitarras] emendou umas caixas da Lou [baterista], ela não tinha condições técnicas. Mas e o vocal foi tudo ao vivo, quer dizer, foi uma coisa na raça. Tá pagando o disco, a capa, que foi super mão de vaca, tudo bem!...Não tem dinheiro para distribuir, pra fazer nada [...] e está me regulando que eu ponha só em 500 discos a propaganda só para os caras darem uma grana pra gente? (COUTINHO, 2010)

No cenário alternativo musical a presença das garotas das Mercenárias a princípio, por questão de um conceito pré-estabelecido, causou aversão nas bandas punks que figuravam naquela cena. O movimento punk nasceu combatendo os padrões pré-determinados da sociedade, um movimento contestador, mas internamente é purista "conservador" que de certo modo era avesso ao diferente.

O punk, ele também tem uma linguagem convencional. O punk se for parar para pensar, tem um modelo para ser punk, a música punk tem um modelo. Nós extrapolamos isso, porque o Trashland [1988] é um minimalismo [...] assim, meio cortante.

Que nunca ia passar na cabeça do João Gordo fazer aquilo, né?

Porquê não tem a história dele, não faz parte da história dele. Então aquilo impressionou, "Meus pais não me mandam mais" [música] [...] e daí teve o respeito. (COUTINHO,2010)

Revelando uma contradição aparente, os mesmos integrantes de bandas que contestavam a sociedade na forma estética e política, musicalmente eram avessos as diferenças musicais, e só acabavam por reconhecerem até que este despertasse interessante e fosse condizente ao que o movimento e o estilo de música propunham. Mas essa questão mostrava-se mais acirrada quando haviam as diferenças, também, sociais. Podemos notar que da origem do punk no Brasil, no subúrbio paulista, e o desenrolar desse movimento nos anos 80, até uma identificação dos jovens da classe média paulista "em função da rápida popularização do movimento e da música" (CARMO, 2001, p.150)

Segundo a socióloga Helena Abramo, "no Brasil, é a primeira vez que o tom central, a inspiração básica do universo cultural juvenil é dado por jovens das classes trabalhadoras". Um segmento dos jovens da classe média, principalmente do meio universitário e colegial, também se sentiam influenciado de diversas maneiras pelas questões ressaltadas pelos punk. (CARMO,

2001, p.149)

Com a popularização dessa nova tendência, podia-se notar um desconforto e uma “rixa” aparente entre esses jovens, que perpassavam o campo da música. A questão da diferença social era notória, e em determinadas circunstâncias, causava uma aversão entre as bandas da periferia e da classe média dentro do movimento punk.

No dia em que fizemos o primeiro show lá – na Napalm -, os punks estavam de costa pro palco,porque quase que um protesto assim né. Pelo fato, da gente vir de outra – classe social - apesar de que a gente chegou lá, do Butantã de ônibus, ninguém tinha carro; era Gianinni [instrumentos musicais]e tal... Não tinha condições também... Ah, mas não sei o quê lá, todos de costa. E quando a gente começou a tocar viraram, eles viraram; o João Gordo ficou abismado, porque ele nunca tinha visto aquilo na vida dele, quer dizer, a gente foi além do punk, entende? (COUTINHO,2010)

Essas questões chegaram a fragmentar o punk como um movimento, que apesar da forte crítica social e da contestação ao “sistema”, não conseguiu se articular politicamente. Mas, musicalmente, o punk foi um estilo que se afirmou influenciando de diversas maneiras e ramificando o gênero musical em: póspunk, new wave, hardcore, gridcore, entre outros.

Retratando a música Inimigo (1986) refletimos como as disparidades dentro do movimento atingiam de forma direta e deturpavam o próprio movimento “no entanto, as brigas eram inevitáveis entre alguns grupos. Este grande número de conflitos deu munição à grande mídia para deturpar as intenções do movimento e jogar a sociedade contra os punks”.(FILENO, 2009, p.1).

No repertório das Mercenárias, naquele momento, já despontava uma das músicas mais aguardadas pelo público. O que pode ser caracterizada como clássica de seu repertório. A composição Polícia (1986), de autoria da guitarrista do grupo Ana Machado, fazia referências à Polícia, como aparelho repressor do Estado.

A polícia, instituição mantenedora da ordem pública, que a princípio tem como dever assegurar o bem-estar social, tem esse poder assegurado como um ato que a priori para a ordem manter uma ordem pré-estabelecida, legitima-se como: “conjunto de atribuições da administração tendentes ao controle dos direitos e liberdades das pessoas naturais ou jurídicas, a ser inspirado no bem comum” (ROSA, 2002, s/p)

No entanto, essa Instituição era a principal causadora do choque impetuoso que havia nos locais de grandes concentrações de público. Em shows e, até mesmo, no cotidiano, os jovens por muitas vezes integrantes de determinados movimentos culturais e / ou “tribos” sentiam na pele por estarem andarem aglomerados.

O medo entre esses jovens se tornava constante, independente da classe social em que estavam inseridos; universitários, de classe média, também sentiam os implacáveis enquadros – revistas – da polícia (práticas adotadas pela a instituição como prevenção), mas, principalmente, era com os jovens operários – (residentes das periferias) que a polícia demonstrava fervorosamente sua autoridade. Segundo relatos uma implacável e constante “perseguição”:

Todavia, a polícia que legitima seus atos com atitudes de um poder concedido

como conjunto de atribuições, sem necessariamente precisar do consentimento do poder judiciário, obtém esse aval como atos da Polícia têm o poder da coercibilidade: “é a imposição das medidas necessárias para a garantia do ato de Polícia (...) a discricionariedade é a livre escolha da oportunidade e conveniência do exercício do poder de polícia” (ROSA, 2002, s/p).

São desses relatos que nos possibilita, refletirmos sobre a composição Polícia e análise sobre as nuances que existiam naquele período, do embate existente entre a polícia e os jovens e dos sentimentos que se compenetravam desses conflitos. Por um lado uma Instituição que mantinha um legado ainda do poder arbitrário do regime militar confrontando com os anseios de uma juventude que tiveram sua liberdade de escolha e de expressão negados por duas décadas, e naquele momento viviam “a novidade” de poderem se expressar sem sofrem consequências drásticas por optarem por um estilo de vida, uma opção política, entre outros.

A referência à presença enfática dos polícias como um infortúnio para aqueles jovens, nos deixam vestígios de tais anseios que a juventude passava em determinados momentos.

Quando a canção é marcada por uma melodia perturbadora e vocalização acelerada, que correspondiam às aflições desses jovens, e, a música em seu andamento apresentada de forma rápida nos possibilita a alusão, de fato, de um carro de polícia fazendo ronda.

Então se percebe que a letra da música faz referência direta a esse aparelho do Estado, mas é na vocalização, um ponto marcado pela intensidade da voz, que no “clima” dessa música suas nuances nos ornamentos vocais são os momentos que dão a ênfase aos conflitos existentes entre os jovens e a polícia. Questão essa que podemos analisar na história do país, principalmente, a partir do Golpe Militar que se fez mais contundente – essencialmente - pela presença dos jovens a frente das mobilizações e ações contra aquele regime governamental. E que nos “anos 80, ao marcar a saída do regime autoritário, repressor, e a transição para maior abertura política, gravaram também diversos atritos entre grupos de jovens de classe média e as blitze policiais. (CARMO,

2001, p.153)

Todavia esses jovens de classe média (estudantes) e operários

(trabalhadores) viviam a angustia da “Década Perdida”, que do “milagre brasileiro” e após duas crises econômicas mundiais, presenciavam o afundamento econômico e político do país e na contra partida uma expansão cultural cada vez mais ascendente que “juntamente com o resto da América Latina, o Brasil viu seus padrões de vida caírem ao mesmo tempo que exportava capital para seus credores do Atlântico Norte e japoneses”. (SKIDMORE, 1988, p.487) e ao mesmo tempo “não podemos dizer da área cultural, pelo menos na música: o crescimento e a concretização de um mercado para juventude faz do rock, um dos principais meios de expressão e análise em relação a situação por que passa o Brasil” (BRANDÃO, 1990, p.106)

As instabilidades econômicas e políticas que não correspondiam aos avanços nos setores tecnológicos e culturais gera-

vam incertezas nesses jovens que presenciavam esse contexto nacional; a falta de perspectiva para um futuro concreto e o avanço tecnológico “visto que condensando as angustias e os medos, assim como as esperanças, prenuncia os rumos já apontados no presente pelas tendências sociais que imprimirão a conformação social futura”.

Um dos fatores preponderante é a aceitação social fazendo com que se viva de aparência e determina um tipo padronizado de beleza, para ser aceito no meio social. Entretanto a análise da música através de sua melodia exortativa nos faz refletir em uma ironia ao tratar “Somos Sucesso, Somos Imagem” como o processo vivido naquela sociedade, a crise econômica e política e ao mesmo tempo a expansão da industria cultural, que era promovida pela massificação de determinado tipo de cultura e a ambição pela ascensão social.

A crise econômica que permaneceu no país, desde a primeira crise do Petróleo (1973), tornou-se uma crise econômica extremamente gritante que perdurou no país por longo prazo. No governo Geisel foi proposta algumas medidas:

A curto prazo havia apenas três opções: reduzir as importações não petrolíferas, sacar sobre as reservas em moeda estrangeira, ou tomar emprestado no exterior (...) as soluções obvias eram usar as reservas cambiais e pedir empréstimos no exterior. O Brasil de Geisel fez as duas coisas. Somente em 1974 o país quase duplicou sua dívida externa liquida de US$6,2 bilhões para US$11,9 bilhões. (SKIDMORE, 1988, p.352)

E o quadro econômico e a dívida externa do país durante os governos de Geisel e Figueiredo agravaram-se continuamente; o país não conseguia manter o desenvolvimento social, apesar do grande destaque mundial por seu avanço industrial que só favorecia a classe média e a elite. Enquanto, a grande massa sofria com altos índices de inflação e redução dos investimentos na saúde, educação, habitação, entre outros. E ainda não era o bastante, pois com a segunda crise do Petróleo, no governo de Figueiredo, este quadro piorou ainda mais, fazendo o país enfrentar a pior crise econômica da sua história.

Retratando essas mudanças no quadro econômico do país durante 1973 a 1986, a letra Há Dez Anos Passados (1988) das Mercenárias permite uma reflexão sobre o período presenciado e seus desdobramentos sociais.

E retomar a situação econômica no período de redemocratização “quando Sarney assumiu o governo, em 1985, o quadro econômico era menos grave do que em anos anteriores” (FAUSTO, 2007, p. 520). Entretanto, segundo Fausto o país economicamente nesse período ainda sofria com a alta inflação, que oscilava diariamente e “o problema da divida externa e interna subsistia a longo prazo” (2007, p. 520). Ao assumir o cargo Sarney estava ciente dos problemas econômicos do país e discursou sobre sua herança, herdada da Ditadura Militar:

Eu sem o desejar, sem ter tido tempo para preparar-me, torneime o responsável pela maior dívida externa sobre a face da terra, bem como da maior divida interna. Minha herança inclui a maior recessão da nossa história, a mais alta taxa de desemprego, um clima sem precedentes de violência, desintegração política potencial e a mais alta taxa de inflação da historia do nosso país

– 250 por cento ao ano, com a perspectiva de atingir 1000 por cento. (SARNEY, apud SKIDMORE, 1988, p.501)

A letra ainda faz menção às inúmeras tentativas do governo de tentar tirar o Brasil dessa profunda crise econômica, que já permanecia por 13 anos. E foi em 28 de fevereiro de 1986, que: “Sarney anunciou ao país o Plano Cruzado através de uma rede nacional de rádio e televisão. O cruzeiro seria substituído por uma nova moeda forte – o cruzado – na proporção de 1000 por 1”(FAUSTO, 2007, p.522). E na música o efeito de interpretação aprimorado com uma intensidade nos vocais, remete a uma ideia de desgaste da sociedade diante do discurso de melhoria do quadro econômico e social do país.

Sarney convocou “as brasileiras e os brasileiros” a colaborar na execução do plano e a travar uma guerra de vida ou morte contra a inflação. O governo parecia tornar realidade o sonho de um dia se ir dormir no Brasil e se acordar no dia seguinte na Suíça. (FAUSTO, 2007, p.522)

A reflexão sobre o contexto econômico nacional e seus desdobramentos na sociedade da década de 80, a música “Somos Milhões” (1988) composta por Sandra (baixista) e Edgard Scandurra (produtor do disco Trashland) resume as disparidades sociais que assolavam as grandes metrópoles do país. As diferenças entre a elite e a grande massa cresceu na década de 70, e na década de 80 o aumento da desigualdade entre essas classes só progrediu.

[...] O boom econômico da década de 1970 aumentara a desigualdade de renda no Brasil [...]. A renda crescera para todos os grupos, mas os ricos ficaram mais ricos muito mais depressa do que os pobres ficaram menos pobres. Nos anos de estagnação da década de 1980, contudo, as rendas absolutas caíram para alguns grupos, especialmente para aqueles do pólo mais baixo da distribuição (SKIDMORE, 1998, p. 278).

O mínimo de investimento público nos setores essenciais para o bemestar social da população e desenvolvimento do país como: as áreas da educação, saúde, habitação, renda e o alto número de desemprego ”eram as disparidades econômicas e sociais crescentes num ambiente de investimento público em declínio [...] tudo isso eram facetas da “dívida social” do Brasil (SKIDMORE, 1998, p. 279), fazendo com que emergisse a criminalidade na década de 80. “Somos milhões e vivemos a parte. Temos vividos as piores imagens”(1988) não é um acontecimento desse período, e sim, um fator que já percorre a história do país, ajudando “a reforçar a antiga imagem que a elite tinha das classes inferiores como “ perigosas” em vez de “dignas” (SKIDMORE, 1998, p. 280).

O “clima” da melodia de tessitura densa enfatiza uma consciência de classe, que apesar das garotas das Mercenárias serem da classe média paulistana, e sofrerem muito menos socialmente com aquele momento, apresentavam um discernimento social com uma visão de grupo referente a situação da sociedade.

A exclusão social proferida por um abismo aparente entre as classes sociais impulsionada pelas medidas econômicas adotadas no país, As Mercenárias com um desfecho da melodia de andamento rápido e perturbador, repetindo “Nosso trabalho sustenta esse jogo” (1988) por três vezes frizavam que a grande massa ficava a parte do

que realmente acontecia, mas era a primeira a sentir as mudanças, contando ainda com a discriminação das elites com as classes trabalhadoras:

O resultado foi um deslocamento de foco do trabalhador (que tinha um emprego e contribuía para a sociedade) para o marginal

(que vivia de expedientes). O foco sobre os marginais (“simples criminosos”) tornava mais fácil ignorar a situação angustiante dos milhões de trabalhadores perseverantes que formavam a base da pirâmide social. (SKIDMORE, 1998, p. 280).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O país vivenciava um período de redemocratização na política social, que havia acabado de deixar o regime autoritário e alcançara a “Nova República” assim dita por Tancredo, e continuada por Sarney. Entretanto, o cenário político do país passava por reformulações, já que o sistema bipartidário foi extinto, e uma “horda” de partidos emergiam na política. O maior número de partidos surgiu da fragmentação do partido (MDB) que fazia oposição ao governo militar

(ARENA), pelas dissidência e incompatibilidades de propostas políticas. A população ficava a parte de todo esse processo, contudo os atenciosos nas questões políticas se viram confusos com a disseminação desses membros em diversos partidos que haviam se criado.

As dissidências desses partidos mostravam as fragilidades das legendas partidárias, fazendo com que surgissem novos partidos fundados por membros discordantes. A exemplo: o (PFL) que passou a adotar uma política direitista pelos membros que saíram do (PDS) que era mantido pelo regime militar. E o (PSDB) criado por políticos insatisfeitos com a dominação de políticos sem propostas contundentes do (PMDB). Esses fragmentos nos partidos eram os reflexos da falta de estruturalismo nas políticas partidárias, principalmente dos que fizeram parte da oposição no governo anterior, partidos de esquerda. As coligações presentes na história da política do país, mantem-se ativa pelas alianças feitas em busca de determinados fins em comum, e não é atoa que o alto índice de corrupção envolvia membros dos partidos que estavam entrelaçados com essas questões.

O plano cruzado (1986) implementado pelo governo Sarney, inicialmente, conseguiu alcançar uma estabilização na economia do país. Mas após um ano a vulnerabilidade das medidas corretivas, mostrava que o plano “havia-se tornado apenas outro programa de estabilização fracassado”(SKIDMORE, 1998, p.273). Diante dessa situação, a população mostrava descontentamento com a situação do país, tanto que o partido de oposição ao governo que obteve a maior popularidade nas eleições parlamentares e alcançou o maior número de votos nos estados mais populosos do país com as eleições para governadores, não conseguiu manter essa popularidade. E no ano de 1987 começou seu declínio, pois o PMDB nunca conseguiu se estruturar completamente, permeado por incoerências partidárias sem obter uma visão clara para o Brasil, sem contar que alguns membros do partido estavam sendo acusados de corrupção, fato que na política de redemocratização do país tomou outras proporções, ficando nítido os desvios nas verbas públicas na política “[...] figuras como